

A PLEBE

PERIÓDICO LIBERTÁRIO

REDATOR-GERENTE: RODOLPHO FELIPPE

Redação e administração
Parque D. Pedro II N. 103 - 2a andar
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Ano 10\$000 -- Semestre 5\$000
Número avulso \$200 -- Pacote 12 exemp. 2\$000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal 193
S. Paulo - Brasil

AOS HOMENS LIVRES

O Manifesto do Partido Democrático Socialista, publicado nos jornais do Rio, há dias, respiramos as seguintes palavras:

O nosso ambiente político-social é de plena confusão. Vivemos um momento de suma gravidade. O futuro não aparece cercado de nuvens negras.

O reacionarismo político e o obscurantismo clerical, sempre tidos como emanações de um mesmo fôco, espantam a otusidade própria para a desfeita e golpe e apunhalam pelas costas a República que eles odeiam e a liberdade que eles não toleram e as ideias de progresso social que eles não podem compreender.

É a consciência desse perigo que nos desejamos despertar em todos os espíritos verdadeiramente democratas do país, particularmente naqueles que conosco compartilham o mesmo ideal de justiça e solidariedade humana.

Os agentes do Vaticano não escondem os seus intentos desiguais, publicamente, no pulpito, no confessional, nas congregações e onde lhe permitam fazer da religião um processo de compressão e de propagação política, o clero católico precisa a necessidade de romanizar o Brasil, incluindo os rigarinos tãhados pelos punhais assassinos da tirania que enxovalha o berço de Garibaldi.

Em consequência do Tratado de Latrão, celebrado entre Pio XI e Mussolini, o Vaticano tornou-se num Estado.

Só esse fato devia tornar suspeita a atividade política de milhares de padres e religiosos que vivem espalhados pelo mundo.

Aqui no Brasil, principalmente, onde o clero católico é na sua maioria estrangeiro, nutre-se em grande parte, não se dá para permitir que os padres fizessem política e gozassem do direito de cidadania.

Presos por um voto de obediência a um governo estrangeiro, não se justificam, realmente, essa tolerância a um governo estrangeiro, não numa ameaça permanente à tranquilidade nacional.

Escudando a aliança da Igreja Católica com a ditadura italiana, um desses companheiros escreveu recentemente: "Dando à Igreja privilégios e dinheiro, Mussolini teria obtido do Papa e compromissos de reforçar o seu imenso exército de padres numa espécie de milícia fascista para uso externo.

Precisamos agir! Não é possível que assistamos de braços cruzados, numa postura mussoliniana, à conseqüência desse crime que seria a anulação do patrimônio precioso de liberdades públicas legado pelos nossos antepassados a custo de inúmeros sacrifícios.

A todos os amantes da liberdade de consciência, a todos os inimigos dos tiranos das tiranias, dos dogmatismos dos privilégios e da intolerância, nós dirigimos o nosso apelo ardente — amamo-nos!

A mulher brasileira, ligada pelo seu heroísmo e abnegação a todos os acontecimentos decisivos da nossa história; a mãe, a companheira, a filha — animadora silenciosa do ideal — não rogamos, não conspiramos com os escravos de Roma contra a liberdade do Brasil.

O momento não é oportuno discussões acadêmicas. O perigo é iminente. A nossa ação deve ser prática e urgente.

A indiferença, neste momento, é um crime.

Unamo-nos para impedir que o Brasil seja dominado pelo fascismo e pela sua aliada, a Igreja de Roma, que assassinam e perseguem homens como Matteotti, Amendola, Turati, Malatesta e tantos outros pensadores ilustres que dedicaram a sua existência à obra de emancipação humana.

Contra esse socialismo de fachada, autuoso e liberticida, que nos quer atingir um Estado amarrado da cruz e do punhal, e que em troca de algumas míseras tiradas ao trabalhador pretende tirar-lhe o direito que lhe é a única arma de combate na sociedade presente, o direito de greve. Contra esse socialismo de funcionários da polícia burocrática, seus mandatuários e distribuidores da justiça mercantilizada, nós chamamos a atenção dos trabalhadores conscientes.

Reunamo-nos para que nos fechos transcritos estamos de pleno acordo com os autores do manifesto e iniciemos no seu acerto o nosso instigante luta a todos os homens livres para que de mãos unidas façam resistência e ainda ressonante que se prepara para nos fazer retroceder aos mais entristecidos tempos e às práticas vexatárias da Inquisição e do crepúsculo mortal.

A MAIOR MENDICANCIA DA HISTORIA.

Quando o ex-interventor em S. Paulo, sr. Manoel Rabelo, ordenou que não se prendessem, nem perseguissem ou maltratassem as pessoas encontradas nas ruas públicas a mendigar, porquanto pedir não constituía crime e era melhor que roubar, a imprensa paulista, refletindo o pensamento da burguezia endinheirada e pançuda, levantou um clamor de indignação admirativa, não tanto pelo fato em si, mas especialmente pela série de considerandos com que justificou tal medida, e que feria em cheio a basófia hipócrita dos que pretendem esconder as obagas que corrompem as sociedades e aparentam de ricos e suntuosos, ocultando nos asilos e detendo nas cadeias os miseros que não têm que cozer, nem que vestir, nem onde morar.

Disseram-lhe que assim instituiu a mendicância em instituição nacional, dando-lhe foros de legitimidade; chamaram-lhe o sistematizador da pedinchice e, quando ele em Mato Grosso dirigia as operações contra os conspiradores paulistas, apelidavam-no de «rei dos mendigos».

Mas a essa hora já o tiro os tinha ferido pela culatra, já havia razão para lhes aplicar o ríflão da cantiga, o celebre «macaco, olha para teu rabo, deixa o rabo do vizinho»...

sitavam, tudo lhes fazia arranjo! Pediram e pedem para os soldados e para as suas famílias; pediram e pedem para as viúvas e para os orfãos; pediram e pedem para os mutilados e para os inutilizados. Pediram as condessas e as aristocratas; pediram as burocratas e as burguezas; pediram as nobres e as plebeias, as pobres e as ricas, os padres, os bispos, os sacristas, as profanas e as religiosas; pediram ao céu e ao inferno; pediram as igrejas e nos cinemas...

Caramba, tanto pedir!...

A mendicância nos mezes da guerra atingiu proporções fantásticas, chegou às raízes do delírio e do incrédito. S. Paulo transformou-se num país de peditorio permanente, de pedinchice impertinente. E, quem não desse, ficava mal visto. Era caso para chamar: O' da guarda, prenda essa criança de mendigos!

De forma que pedir um tostão para pão é um crime para cadeia, é um deserdito para o país, é uma vergonha para aqueles que pretendem afirmar que não há pobreza no Brasil.

Quando, porém, é a gente de coturno alto quem pede para obra de morte, isso então é uma ação muito digna, honrosa e louvável.

Como o sr. Manoel Rabelo está vingado! Não é ele o rei dos mendigos. Os reis e as rainhas estão em S. Paulo. Ele nada pediu.



Aquele que mofa a liberdade e devora o corpo dos que a defendem.

Como pensam os fascistas A sua sêde de dominio

Lisbôa, 24 (H) — Na conferência que fez nesta capital, Marinetti, o criador do futurismo, teve esta frase: «Ser italiano equivale a dominar todas as raças».

De vez em quando a boca lóge-lhes para a verdade. Sim, o que moveu e move a cambada facista para o asalto ao poder e a sua conservação indefinida é o desejo de mando único, pessoal, exclusivo, é a sêde devoradora de dominio indiscutido e indisputado, o monopólio do poder agora na Itália e mais tarde em todo o mundo.

E francamente, sem modéstias, nos momentos de sinceridade ou de descuido, a boca revela-lhes o pensamento.

Mas quem sabe se as uvas não estarão verdes para tais dentes? Os governantes recebem, esses figurões com todas as honras e cortezias e eles na hora das despedidas, depois das libações e banquetes regados a champagne, como agradecimento à hospedagem, dão uma roda de imbecis a todos que os

rodeiam como aquele representante de Mussolini fez na estação do Norte, aqui em S. Paulo, no tempo em que era interventor o sr. João Alberto.

Essa gente devia ser recebida a batata, a nabos, a ovos podres, a assobios, como aqui fizeram ao Marinetti quando realizou a sua conferência futurista em S. Paulo.

Dar a essa tropilha dementada e violenta honras de grandes homens é motivo para ser-se tomado como gente inferior, própria para ser dominada, quer dizer calçada, explorada, espezinhada. Quem se rebaixa, amealhinha-se, inferioriza-se, degrada-se, serviliza-se.

Bem razão tinha o filósofo em dizer que o povo era pequeno porque vivia sempre abaixado, curvado, a aplaudir os seus tiranos. Que o povo se levante, que tome a sua posição vertical, que olhe seus tiranos bem de frente e ver-se-á então se há povos e raças para ser dominadas!

Os tres amigos

Um homem tinha tres amigos: o seu dinheiro, a sua mulher e as suas boas ações. Chegada a hora da morte, mandou chamar os tres para se despedir deles.

Ao primeiro que se apresentou disse: — Estou a morrer, meu amigo, adeus! O dinheiro respondeu-lhe: — Adeus; logo que morras, mandarei acender um cirio pelo descanso da tua alma.

Chegou a mulher, despediu-se e prometeu acompanhá-lo até ao túmulo.

Por ultimo chegou o terceiro, as boas ações. — Morro! disse-lhe o agonizante. Adeus para sempre! — Adeus, não, — respondeu-lhe o amigo. Eu nunca me separarei de ti; se viveres, viverei, se morreres, seguir-te-ei.

O homem morreu. O dinheiro deu-lhe uma vela, a mulher acompanhou-o até à sepultura e as suas boas ações acompanharam-no tanto na morte como em vida.

Leão Tolstói

E'co da Revolução

Voz da Mulher Paulista

Mulher paulista!

Nos dias tenebrosos de tres mezes de guerra, entre brasileiros, diversas foram as vozes que, dizendo-se da "mulher paulista", ecoaram incitando a mobilização geral, ao cumprimento do "dever" civico e patriótico...

Em nome da mulher paulista, falaram as senhoras catholicas, as senhoras evangelicas, as senhoras espiritas e espirituistas, professoras e damas do escôl social. Todas no mesmo diapásio.

A mulher operaria e as mães dos soldados anônimos, não puderam falar em nome da *Mulher Paulista*.

Mulher paulista!

Por ventura se restringe, a mulher paulista, ás categorias acima mencionadas, e as operarias, as mulheres das classes dos humildes, serão excluidas do direito de nacionalidade?

Eu sou paulista, de origem e de nascimento. Meu avô paterno chamava-se Joaquim Ferreira da Silva e prestou serviço militar na campanha do Paraguay. Com essas credenciaes eu devia ter podido, tambem, falar, aqui em São Paulo, nos tres mezes que nos pareceram tres séculos de angustia, de amor e piedade pelas vitimas do ardor guerreiro, eu devia ter podido bradar a dôr e a indignação geral entre as mulheres de minha classe: da classe pobre. Da classe dos que tudo produzem e nada possuem.

Mulher paulista!

Na classe dos de lá de cima, assim como na classe de baixo, existem mulheres de varios aspectos intelectuais. Existem as de cerebro completamente nulo que só se ocupam de cinemas, bailes e festas mundanas e existem as que se dão ao cuidado de outros assuntos. Por exemplo, nós vimos as que tão dedicadamente se preocuparam com os serviços da guerra, entregando-se á confecção de postura e á feitura de discursos inflamados pelo radio e pela imprensa, num esforço de heroínas, promovendo a campanha civica, para que os homens não se furtassem ao sacrificio.

Mas as Valquírias denodadas, que pela imprensa e pelo radio, imprimiam valor ao verbo, atormentando-nos, noites e dias, por longas horas ao microfone, num suplicio inquisitorial, não eram mães e não eram esposas, com certeza...

Entre as mulheres da minha classe tambem existem as mulheres frivolias que de tudo tiram proveito para se divertirem e vão á missa aos domingos. Mas mesmo assim durante a guerra fratricida essas mulheres se mantiveram respeitadas ante a amargura geral de três mezes de dôr e apreensão.

E dentre elas, dentre as mulheres proletarias, que não podiam se manifestar falando com o coração, pelo radio e pela imprensa, em nome da mulher paulista, surgiram as mulheres uteis, as que pensam nas coisas graves, para gaudir da humanidade — que tem nas suas humildes criaturas a sua gloria, a sua honra, a sua esperança — e verificou-se muita dedicação pela sorte das vitimas cegas da industria da guerra.

Nos trevosos dias dos me-

zes de Julho, Agosto e Setembro, enquanto as almas simples, crentes das varias relegiões impostoras, se reuniam nos templos, em orações pró-paz, as mulheres do povo trabalhador, evoluídas para as idéas avançadas, livres dos tolos e enganosos preconceitos religiosos, sem se poderem manifestar francamente, agiram, no entanto, com mais eficiencia do que as rogadoras — que ao mesmo tempo que recomendavam as orações excitavam o odio regional — fazendo circular entre o elemento masculino uma exortação á bondade e ao pacifismo que saiu da pena generosa do grande escritor russo, já falecido, conde Leão Tolstoi.

De uma dessas valorosas mentalidades femininas, da classe obreira, recebi uma copia dessa exortação com a recomendação:

Distribua, largamente, entre o elemento masculino a presente exortação de Tolstoi, afim de que as vibrações de suas palavras atuem anulando, quanto possivel, as vibrações opostas de odio e maldade, que levou os que dispõem de nossa sorte e de nossa vontade, nesta hora ni-gérrima da tragedia brasileira, a mobilizar as crianças na parada do odio entre irmãos. Que as palavras de Leão Tolstoi, repetidas agora por nós, os que pensamos e sofremos, sejam o exorcismo que esconjure a calamidade que caiu sobre o Brasil.

E ao contemplarmos coagidos e forçados o triste espetáculo da parada infantil, neste dia que lembra os mártires da "Independencia" (7 de Setembro) repetimos fervorosamente esta frase sublime de Julia Lopes de Almeida, escritora brasileira:

"Louvar diante das crianças façanhas de guerra é dar-lhes a saborear pastilhas venenosas. Antes da mestra, já a mãe deve embalar o berço do seu filho com as cantigas em que se exaltam só ações de bondade e de justiça. Precisamos acalmar o coração do mundo. Basta de odio!"

Em proximo artigo enviarei a reprodução da exortação de Leão Tolstoi — "Aos Soldados" — que me foi enviada, á guisa de oração, nos dolorosos dias da contrarrevolução, por uma operaria, pensadora e paulista.

Isabel Ferreira Bertolucci
São Paulo, 24 de Novembro de 1932.

*** Contou um ex-inspector escolar que, achando-se numa das cidades de sua circunscrição teve a idéa de fundar uma associação que estimulasse a frequencia escolar, promovesse a criação de novas escolas e despertasse nas classes populares o conhecimento dos deveres civicos. Para isto, procurou o chefe do governo municipal, a quem expôs o seu plano. Com grande espanto seu, esse chefe politico manifestou-se contrario, dizendo-lhe: "Não penso nisso. No dia em que essa gente estiver instruída não votará em nós. Estaremos perdidos!"

Esse "espírito-mór" acabou sendo senador federal. *

Pecados...

(Inédito para "A PLEBE.")

Eu era nada. Um dia, transformado, alguma coisa vim a ser, perdida... Se a pecar eu nasci predestinado a culpa vêm do autor de tal medida!

Só Ele concertou o predicado que se resume em mim ou consolida; não fui sequer ouvido ou convido visto o não-Ser que eu era antes da vida!

Querem agora misticadores que estão como eu estou, na ignorancia, ditar das leis divinas seus furores...

Para mim nada vale essa jactancia... Que culpa eu tive de nascer, senhores? Por que pedir de Deus a tolerancia?

ADALBERTO VIANA.

Raios de Luz

Se estudarmos as sociedades humanas, através dos tempos, verificamos a tendencia que tem inspirado aos povos o seu aperfeiçoamento em todos os ramos do saber, em cujo caminho o homem vai á procura do maximo de bem-estar e de justiça.

Até ao presente o homem tem-se debatido dentro de um círculo estreito, motivado pelos grilhões que o acorrentam, lutando incessantemente pela sua emancipação. Entre estes, destacaram-se os de inspiração creadora, os que afrontando á todas as tiranias, emanadas do Estado, das religiões e do capitalismo, não entregaram a sua dignidade em troca de um punhado de ouro, que sempre é atacadado em prejuizo das maiorias.

O desenvolvimento nas artes e nas ciencias tem sido muito lento através os seculos.

A sua causa reside na entronização da meotocracia, que, ou teve temor de subvertar por reto caminho ou rendeu-se ante o fulgor do ouro, em torno do qual brilho se movimenta o mundo inconsciente á procura da felicidade, que aquelle nos veda. Fazem desta forma o triste papel de estacas que garantem esta sociedade fundamentada em mentiras convencionaes e cujos crimes são bem patentees.

Recorrendo as estatísticas ficcicias passadas ante o grande numero de analfabetos, os que apenas sabem ler e escrever e possuem com a cabeça dos obtusos civilizados, e cuja escola constitue a força desta civilização, que portanto, é vaga. E, apenas, um jogo de interesses, em que a ignorancia desempenha o papel de obstruir o caminho da emancipação.

Sem tudo isto perdido, porém, pois existe uma minoria de individuos que tem uma concepção nítida da vida, não estão resignados com a situação sua e lutam a toda a altura para as nossas civilizações, se não fossem estes, que não seria o nosso fim, o desenvolvimento duma civilização.

É preciso que nos convençamos da necessidade de actuar com o desenvolvimento, fator principal de progresso e ao qual o estado se adapta com as suas leis e regulamentos religiosos que se veneram na terra, desvairados de senso ou sem, se quiserem surgir um incompreensível: o absoluto.

É preciso necessariamente transformar esta sociedade mal organizada por outros, na qual a arte e a ciencia possam desenvolver-se com liberdade, conseguindo assim a felicidade a que todos temos direito.

O que entendemos por arte? Por arte é entendido, o que é fiel reflexo da natureza e das relações humanas, e que responde a tudo o que é belo e justo.

Genial é o artista que não se submete a outra lei que não seja da

natureza, revoltando-se contra todas as instituições opostas ao desenvolvimento normal da humanidade.

O homem livre ou anarquista é aquelle que está directamente ligado as manifestações da arte e das ciencias e aos progressos das sociedades humanas.

As obras de maior elevação moral e social devem-se a estes. Acompanhando-as nos seus estudos, nos convencemos de que é preciso, destruir o mal pela raiz para instituir o bem-estar sobre bases sólidas, a fim de que o homem seja livre sobre a terra livre.

Deixemos os pusillâmes, os vendidos da vida e lutemos pelo porvir.

ANGELO LASHERAS.

Para a guerra havia ouro.

Para os hospitais, não...

Noticias de Santos, na dias publicadas nos jornais paulistas, noticiavam que a provedoria daquela casa de caridade se via forçada a suspender a entrada de doentes e o fornecimento de socorros aos enfermos e indigentes, visto a escassez de seus meios e a desajustação de es-negias dos benefactores.

É isto é de estarrecer. Esta conclusão publica de falta de meios para a correção dos desprotegidos, neste momento, após a "campanha do ouro" que empolgou tanta gente em Santos e ahiuras e os levou a desfazer-se dos seus caros e recordáveis objetos do precioso metal para incentivar a matança de irmãos, para instigar, estimular e multiplicar os meios e os instrumentos de morte mais certa, mais segura e mais rapida dos brasileiros de outras regiões, gente da mesma raça, lingua, religião, e tradições e interesses, é a coisa mais estranha e paradoxal que se possa conceber.

Para a obra de guerra e morte gastavam-se de joias, do ouro, dos diamantes, da platina, do dinheiro, das recordações mais queridas ao coração e á familia sem hesitação e sem demora...

Para socorrer uma instituição secular de beneficencia e de hospitalização, mostram-se unhas de fôrça, fecham os cordões de bolsa, e o coração á benevolencia, os ouvidos aos apêlos.

Mas não desanimem. Apstem em ultima instancia para o Arcebispo, para a Curia Metropolitana, para o sacrificio de irmãos, estas entidades deram quasi 20 kilos de ouro.

PARA REGULARISAR OS TRABALHOS INDISPENSÁVEIS A BOA ADMINISTRAÇÃO DO NOSSO JORNAL E PARA NECESSARIO EQUILIBRIO DE SUAS FINANÇAS, A "A PLEBE" SO' CIRCULARA' NO DIA 17 DO CORRENTE, Á ESPERA QUE NOS CHEGUEM DE TOPOS OS LADOS OS AUXÍLIOS PROMETIDOS, PARA ASSIM CONTINUARMOS A SUA PUBLICAÇÃO SEMANAL.

Quem sabe se ainda por lá ficou mais algum esquecido, que possa ser agora aproveitado em socorrer muitas vitimas que a propria guerra produziu?

Como seria bom que estas preten-sas almeças cristãs fossem mais coerentes ajustando os atos ás palavras!

Tanta liberalidade para a obra do mal, para a destruição, para a morte, e tanta indiferença para a pratica do bem, para auxiliar o desamparado, para levantar o caído, para consolar o desanimado!

Mas é por isso mesmo, por essa conduta contraditoria e escandalosa, que o pessimismo invade os homens e os faz descrever de todas as afirmativas de caridade e de humanidade com que costumam ornar-se as classes exploradoras.

Sim, a desigualdade é tamanha, as fortunas estão tão mal repartidas, as necessidades são tantas e os sofrimentos tão infinitos, que só a remodelação social, a transformação da sociedade, com o desaparecimento de pobres e ricos, tornando tudo de todos e a coletividade toda trabalhando e produzindo, dará remedio e paradeiro a esta série de necessidades insatisfeitas e de sofrimentos inconsolaveis.

SOBRE A TOLERANCIA

Entre os libertarios, ha revolucionarios que acreditam que é preciso, pela força, abater a força mantenedora da ordem atual para criar um ambiente no qual seja possível a livre evolução dos individuos e das coletividades, — e ha educacionistas que pensam que não se pode chegar á transformação social senão transformando primeiro os individuos por meio da educação e da propaganda. Ha partidarios da não-resistencia ou da resistencia passiva que se recusam a usar da violencia, mesmo quando servisse para repellar a violencia; ha os que admitem a necessidade da violencia e são subdivididos, por sua vez, quanto á natureza, á extensão e aos limites da violencia licita. Ha divergencias, entre anarquistas, concernentes á sua atitude em relação ao movimento sindical; divergencias quanto a organização ou não-organização no seio do anarquismo; divergencias permanentes ou ocasionaes relativamente ás relações entre os anarquistas e os outros partidos subversivos.

É sobre questões desse genero ou de outros que é preciso procurar nos entender; ou si, como parece, é impossível o entendimento, é preciso saber tolerar-se: trabalhar de acordo quando se está de acordo; senão, deixar cada um fazer como melhor entende, sem que se lhe oponha obstaculo.

Porque, considerando bem, ninguém pode estar absolutamente certo de ter razão, e não ha ninguém que tenha sempre razão.

Errico Malatesta
(Pensiero e Volontà, 3 de abril de 1930.)

Do progresso Industrial

Suas funestas consequências no regime capitalista

Indo em busca do homem livre, encontrei o homem máquina.

Em nossos dias o individualismo realiza maravilhas.

Em física, em química, em mecânica, como na organização científica do trabalho e da administração, chega-se a resultados surpreendentes. Aumenta-se em proporções fantásticas e se aperfeiçoa admiravelmente o produto do engenho humano. A máquina parece fazer milagres, as mãos do trabalhador mostram habilidades prodigiosas e a inteligência avança com insuspeitada penetração nos segredos da indústria. Os métodos de Taylor, a standardização e a racionalização abrem novos e amplos horizontes, com experimentações sempre felizes, em todas as esferas da economia social. A ciência inventiva e progressiva descobre forças inexploradas, e utiliza as últimas energias.

ORGANIZAÇÃO CAPITALISTA DO TRABALHO

A classe trabalhadora, manual ou intelectual, é o alvo preferido dos peritos exploradores da atividade industrial. Todos os elementos de ação, de sangue e de inteligência, são reduzidos, com precisão matemática, a esta lei de bronze: o máximo de produção e de aperfeiçoamento, com o mínimo de tempo e de energia.

Nesta lei não entra um átomo de equidade. No que respeita ao trabalho vigora o mínimo de remuneração pelo máximo de produção.

A ciência a serviço do capitalismo favorece aos industriais e prejudica, em razão inversa, aos trabalhadores. O operário em exercício nas fábricas ou oficinas, é obrigado a empregar todas as suas faculdades e adquirir uma pericia superior para entregar-se ao torvelinho de cilindros dos colossais aparelhos mecânicos, que se movem com velocidade elétrica.

AS BASTILHAS INDUSTRIAIS

Para se ter uma idéia do que possa ser o inferno dantesco das bastilhas industriais, observe-se, por um momento, ao menos o típicio sistema de trabalho que aí rege sobre a massa operária.

Começamos por notar a divisão do tempo em meses, semanas, dias e, particularmente, a medida moderna, em horas e minutos, que, respectivamente, servem de unidades ou parcelas de unidades para a atual norma dos salários. (1).

Tomemos, a seguir, conhecimento da modalidade do salário, segundo a quantidade e a qualidade da produção, bem como da rapidez na execução da mesma. Fixemos a nossa atenção no fato de ser, a medida de produção, tomada da parcela elaborada durante a primeira hora de trabalho de cada jornada, não se considerando que durante as horas seguintes a capacidade do operário decresce progressivamente. Devemos, por último, distinguir a medida de produção baseada na capacidade dos trabalhadores mais áptos, exigindo-se-lhes tudo quanto possam dar, sendo os restantes, a imensa maioria, sujeitos a esta medida, e a se empenharem num esforço sobre-humano.

De ordinário, em cada meia jornada de trabalho a atividade do operário é como a da máquina; uma projeção, pois, que se verifica sem um instante de trégua, necessária ao repouso físico e mental, indispensável para que o mesmo possa recuperar o equilíbrio e a intelectualidade.

Este sistema de trabalho equipara o operário à máquina, motivo por que não se lhe reconhece o direito de atender às próprias necessidades fisiológicas. De fato, não são poucos os obstáculos que o operário ha de vencer para distanciar-se um instante sequer do posto que ocupa.

Todas estas vicissitudes são agravadas com a falta de luz, de ar, de higiene; com a vibração metálica dos monstros de ferro que empolga

o organismo do trabalhador e com os acidentes que diariamente fazem avultado número de vítimas.

Não será demais lembrar aqui o tratamento brutal, desenfreado, e o ultraje de que são alvo os operários e, de preferência, as mulheres e as crianças, por parte dos patrões, do mestre e do capataz.

Como se vê, a Taylorização, standardização, a racionalização, vêm sendo, pelos chefes industriais, adotadas e aplicadas no que elas lhes oferecem de útil. Quanto a utilidade que possam oferecer aos trabalhadores, isso não lhes interessa, mesmo porque o mercado de braços e de inteligência está abarrotado e desse produto, a natureza é assás pródiga.

F. DE CARVALHO.

O Anarquismo como expressão artística

Alguns intelectuais da burguesia, tomando erradamente os princípios anarquistas como doutrina de nivelamento, procuram desvirtuar as ideias libertárias negando-lhes o valor que têm como expressão de arte e de beleza.

Nesse erro incorrem também muitos de nossos camaradas, que, tomando do anarquismo somente o seu aspecto social, atiram para planos inferiores a sua finalidade estética; e a arte essencialmente anárquica, porque é, sem dúvida, a expressão mais livre do individualismo e que tem uma função creadora, quasi nunca está ligada aos motivos de luta e de combate, no campo da propaganda libertária.

Isso tem feito com que, dentro do círculo acanhado em que se processam, principalmente entre nós, o desenvolvimento e a evolução das ideias, não se conceba o anarquismo senão como um ideal de famintos, apenas como instrumento de reivindicações proletárias, encerrado num problema econômico e moral das massas trabalhadoras.

Ora, sendo o anarquismo uma depuração de todas as filosofias, o que equivale a dizer que é o resultado de todas as conclusões científicas, porque o confronto e o livre exame de todas as teorias, levam necessariamente, logicamente, à finalidade anárquica, é claro que as classes cultas e estudiosas têm o dever de procurarem identificar-se com esta filosofia, cujo sistema, despojado de aberrações metafísicas, tendo como base as ciências naturais, melhor o imita naturalmente e processa a assimilação dos seus conceitos.

Os interesses creados, que se chamam, indiscutivelmente, com os princípios de liberdade e de justiça proclamados pelos anarquistas, não deviam constituir um entrave ao aperfeiçoamento do intelecto, porque os anarquistas não pretendem inverter os papéis na ordem social: si accentuam, como condição indispensável, para a realização prática de uma sociedade livre o desaparecimento dos interesses creados pelo sistema estatal, não é em benefício de uma seita, de um partido ou de uma corrente partidária: é como garantia da felicidade humana, em benefício

Divulguem "A Plebe" entre seus amigos

de todos os seres humanos.

Como expressão artística, o anarquismo tem em si as concepções mais elevadas do belo e do grandioso porque se tem como base integrar o indivíduo na plenitude dos seus sentimentos livres; se proclama a liberdade de ser dentro de uma sociedade em que o pensamento não encontre obstáculos ao seu desenvolvimento; se o amor a solidariedade, o bem estar para todos, são as normas do seu postulado moral, não creio que haja expressão mais bela e mais sublime, do que esta que proclama a alegria de viver!

Em nenhuma das manifestações

do ser humano se torna tão prejudicial o princípio de autoridade como na questão de sentimentos. A arte livre das belas que a embarracam; libertada de preconceitos atávicos, manifestando-se livremente no indivíduo livre, está na sua mais alta significação, está dentro do seu ambiente natural. Submetida a sistemas dogmáticos, obedecendo a normas do moral autoritário, impelida a vegetar em condições de miséria e de penúria a arte artificializou-se como a vida.

(A concluir).

SOUZA PASSOS.

Festival P^o A Plebe

COM O CONCURSO DO GRUPO TEATRO SOCIAL

Efetuar-se-á no dia 24 do corrente, no Salão Celso Garcia um FESTIVAL no qual será levado á cena o drama em um ato:

A Ideia em Marcha

de autoria do Sr. C. Cavaco, e o conhecido e sempre aplaudido trabalho de Afonso Schimit:

AO RELENTO

DIVAGAÇÕES

Um dos espantalhos com que a imprensa e as instituições burguesas e clericais costumam acenar á ingenuidade do povo, dos trabalhadores em geral, para os indispôr com aqueles que preconizam o advento duma sociedade nova onde não haja ricos nem pobres, opulentos nem miseráveis, mas todos produzam utilidades e todos tenham igual direito a elas, é apresentá-los como homens terríveis que querem destruir pelo prazer de destruir, gente de cara sinistra, com os bolsos cheios de dinamite, com pretensões a tudo arrazar, a tudo demolir.

Isto, porém, não passa duma refinada e descarada mentira. Não desconhecemos ter havido indivíduos que usaram da força para se deslazerem de inimigos pessoais ou das ideias, ou dos interesses coletivos. Mas esses homens todos os partidos os possuem. Os jesuitas, os monarquistas, os republicanos, os aristocratas, todos os têm mesmo que seja contra vontade. Eles não são monopólio exclusivo e peculiar de nenhum partido, mas aparecem em todos os agregados partidários e relegiosos.

E constituem sempre casos esporádicos, isolados e de ação individual restrita e muito limitada. E antes assim. E melhor fora que nem assim.

Que dizer, porém, quando os dirigentes, os mentores, os governantes, aqueles a quem tanto pavor infunde a propaganda pelo fato — que na realidade não existe — requisitam todas as fábricas e oficinas, mobilizam todo o pessoal e todas as matérias e drogas correlatas e ordenam a fabricação dia e noite, ininterruptamente,

de bombas e de granadas, aos milhares, para matar irmãos, para arrazar habitações, para exterminar todos aqueles que não leiam pelo seu catecismo e que lhe prestem seu apoio, como fizeram os políticos paulistas?

Indigna moral, estranho critério que condena o crime reduzido e individual e glorifica-o em grande, exaltando-o quando ele é em amplas proporções, e insculpe nas páginas da historia o nome dos seus promotores quando estes triunfam e vencem e lhes estampa o ferrete da ignominia quando são batidos, derrotados e vencidos.

Somos contra a violência. Amamos a paz, o acordo, a harmonia. Mas não temos dous pesos e duas medidas, e quanto maior é a violência e os estragos que produz, maior é a nossa indignação, o nosso horror, a nossa execração para com os verdugos, os carrascos, os assassinos dos povos. E agora perguntamos: quem são os terroristas, os verdadeiros terroristas? São os promotores das guerras e das matanças coletivas.

"Luta de Classes"

Sobre o tema vai o amigo Francisco Frola fazer uma conferência no salão da UNIÃO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS E CLASSES ANEXAS, na noite da próxima Segunda-feira, dia 5, às 20 1/2 horas, á rua Quintino Bocayuva, 80.

A Liga anti-comunista

Conforme o ultra conservador *O Estado de S. Paulo*, de 25 do corrente e que agora se transformou em veículo e órgão de tudo que ha de retrógrado, de arcaico e de molento em relegião, política e moral, acaba de ser fundada no Rio com filial em S. Paulo, por um grupo de conspiradores encanecidos na arte de ludir, enganar e mistificar o povo paciente, ingenuo e laborioso uma Liga que pretende dar combate ao comunismo, abrindo escolas onde ao povo seja prégado o horror a todas as ideias modernas de bondade, de equidade e de solidariedade, confundindo-as todas sob o rótulo de comunismo, bolchevismo e talvez mais coisas.

Está bem. E' com ideias opostas a outras ideias que se deve agir e o povo, o trabalhador que se decida pelas que mais lhe convenham ou agradem. De forma que até aqui nada ha que reparar.

Mas é que essa corja não se limita a isto. Ha uma escandalosa e intolerável clausula que é uma provocação, um desafio e uma afronta não só para todos que possam ser alvo de suas maquinacões, mas até para as próprias autoridades, pois uma instituição particular quer sobrepor-se-lhes, invadir as suas atribuições, ensinar-lhes a cumprir os seus deveres!...

Ora ouçam o tal capitulo: 3 — Constituir um quadro social, seja no seu Corpo de Contribuintes, seja no Corpo de Vigilância Especial que a Liga mantem, e que é formado de socios com o exclusivo encargo de cooperar com as autoridades policiais, por meio de um trabalho intenso de vigilância particular, em pessoas e entidades suspeitas.

Eis aí instituída uma sociedade celerada, jesuitica, uma espécie de Santa Inquisição, a qual depois de passar um atestado de incompetência á policia profissional, val-lhe dar umas lições, umas palmatoadas, e ensinar-lhe como é que se cumpre o seu dever. Mas isto é simplesmente invadir a seara alheia, arrogar-se atribuições que ninguém lhes conferiu, meter-se em sermões que ninguém lhes encomendou.

Não somos bolchevistas, não recebemos procuração para sua defeza nem o estamos fazendo, mas o que ha de vexatório, de infame, de audacioso e de arbitrário nos objetivos da maldadada Liga aqui o denunciámos, apelando para o povo, para os trabalhadores, para os intelectuais de espirito arejado e liberto, para que se unam e protestem e resistam e anulem semelhantes e torpes pretensões, pois que elas são um desafio, uma afronta, uma provocação ao socego, á paz, ao espirito de tolerancia que todos os credos e partidos e relegiões devem manter entre si, para que os cidadãos não sejam vexados, espionados, alvo de violências só por que não pensam pela cartilha das classes conservadoras e clericais.

Propagar o sentimento do dever e o espirito de sacrificio, certamente; mas, lembramo-nos de que o exemplo é a melhor das propagandas e que não podemos exigir dos outros aquilo que nós mesmos não fomos capazes de realizar.

ERRICO MALATESTA

(1) Os salários continuam oscilando, conforme a lei da oferta e da procura, com tendência a reduções desastrosas, relativas á gravidade alarmante das crises de trabalho. — N. de A.

Movimento Operario

Pelo campo, fabricas e oficinas

NOTA DA FEDERAÇÃO OPERARIA DE S. PAULO

Greves, Louk-out e outras notas

O movimento grevista que se declarou na *Metalgrafica Matarazzo* em consequencia do não cumprimento pelas Industrias Reunidas Francisco Matarazzo da Lei de Férias, que o governo liberal e socialista do sr. Getulio Vargas decretou só para constar, estendeu-se ás secções de Vila Pompeia e Agua Branca.

Em Vila Pompeia, o sr. Conde Francisco Matarazzo, obedecendo, ao que parece, a um plano geral da Federação dos Industriais, declarou o *louk-out*, em consequencia do qual, para responder á afronta que o sr. Conde Matarazzo atirou ás faces dos trabalhadores os operarios da Cerâmica de Agua Branca se declararam em greve.

Na *Metalgrafica Matarazzo* houve algum insucesso, porque o quadro grafico d'aquella casa, desprezando os sentimentos de solidariedade e harmonia proletarias, não acompanhou os metalurgicos,

que, dignamente, se mantiveram nos primeiros dias do movimento.

O entusiasmo reinante nos operarios de Agua Branca, faz supor que ali o movimento caminha para a victoria por que o descontentamento é geral nas Industrias Matarazzo. Como sempre acontece e não podia deixar de acontecer mesmo com a Republica Nova, a policia implantou entre os operarios em greve verdadeiro terror.

Os operarios viram-se atropelados pelas patas dos cavalos que, num requinte de selvageria eram manobrados pelos cavalariáneos da força Publica, essa mesma milicia, que ainda ha pouco era vaiada pelos filhos de papae nas ruas do centro, e que agora se atira contra os trabalhadores, porque reclamam os seus direitos e pretendem fazer cumprir uma lei que os beneficia ante a manifestada impotencia dos poderes competentes em a fazer cumprir.

Firmes, operarios, senão ele escapa...



O burguez conservador e legalista, tenta fugir ao cumprimento da lei de Férias

Liga Operaria da Construção Civil

FILIADA A FEDERAÇÃO OPERARIA SÉDE, R. Q. BOCAIUA, 80 - S. PAULO.

Este Sindicato desde a sua reorganização vem trabalhando ativamente, para levar a bom termo o progresso associativo. Após o triunfo da Revolução de 30, a Liga realizou a sua atividade, em prol da classe. Agitou o problema da desocupação, o assunto mais palpitante no seio da classe. Depois de apurados estudos chegou-se á conclusão de que esse é o problema que mais interessa a esta corporação, visto ser a nossa uma das que mais sofrem os terríveis efeitos da atual crise de trabalho. A esse tempo a Liga Operaria da Construção Civil, resolveu redigir um memorial e remete-lo ao governo de S. Paulo, como formula bastante pratica para minorar a crise de trabalho que tanto acoitava aos trabalhadores da Construção Civil. Mas, infelizmente, parece que o documento da Liga Operaria ficou retido no rol dos esquecimentos. Agora, após a nova derrocada da contra-revolução perrequista, esta corporação, trouxe novamente á baila o problema da desocupação, reeditou-se o memorial que tanto comentaros mereceu da imprensa paulista. E foi novamente mandado ao atual governo.

Os componentes desta agremiação, esperam que desta vez serão atendidos os justos e humanos direitos por eles reclamados, porém, os trabalhadores devem ter em conta que para vermos cumpridas as nossas reclamações é mister que solidificarmos cada vez mais o nosso inquebrantável batente lutando na nossa associação.

Alerta trabalhadores em construção civil que cada trabalhador seja um elemento ativo em nosso meio.

Nada de luctos, nada de engodos, queremos fazer obra verdadeira e francamente revolucionaria, baseada nos moldes da ação direta.

As nossas ultimas assembleias justificam plenamente o grande progresso da Liga Operaria da Construção Civil.

Fazemos por este jornal, que é o legitimo por voz da classe trabalhadora, um veemente apelo para que todos os trabalhadores que pertencem á classe da construção civil, o acolham com o devido carinho e solidariedade.

Reunidos ordinarios todos os domingos ás 9 horas da manhã, na nossa sede social.

Viva a Liga Operaria da Construção Civil!

A Comissão Executiva.

UNIÃO dos ARTIFICES em CALÇADOS

FILIADA A FEDERAÇÃO OPERARIA DE S. PAULO

Esta organização está levando a bom termo a agitação empreendida para a conquista das férias, para todos os trabalhadores da industria do couro. Um bom numero de fabricas e oficinas desmencilharam-se dessa obrigação em virtude da pressão feita pelo "Comité pró-férias" pagando ao seu pessoal o que de direito lhes pertencia e outros estabelecimentos estão na injunção de satisfazer os direitos dos trabalhadores.

Chamamos a atenção dos trabalhadores deste ramo que ainda não encaminharam o seu pedido de férias, para que o façam sem demora apresentando-se ao "Comité pró-férias" da U. A. C., que está aparelhado para atender qualquer reclamação todos os dias das 9 ás 23 horas, na sede da União.

As assembleias da "União dos Artifices em Calçados", continuam, como de costume, a se realizar todas as segundas-feiras, bastante animadas e com a concorrencia de grande numero da jovem mocidade que se decidiu a abandonar as motivas vãs das jogas para melhor cuidar de sua organização operaria, verdadeira escuta de

preparação proletaria.

Artifices em calçados! A nossa organização é parte integrante de vossa emancipação. - Sede social, Rua Quintino Bocaiuva N. 80.

Sindicato de Officios Varios

Junto á Federação Operaria de S. Paulo, á qual está filiado, está funcionando o Sindicato de Officios Varios, fundado com o intuito de organizar os trabalhadores de varias industrias que por qualquer razão não possam pertencer ao respectivo sindicato de classe.

Uma das suas maiores manifestações que dá bem uma prova do acolhimento que encontrou esta ideia no seio das classes trabalhadoras foi a fundação, na Lapa, da sucursal do S. O. V. que enchendo totalmente o salão do Cinema S. Carlos na reunião ali realizada no dia 22 do corrente demonstrou pelas discussões ali travadas que os trabalhadores daquele bairro não aceitam a lei de sindicalização, preferindo associar-se livremente pelas normas do sindicalismo revolucionario.

Da mesma forma a sucursal de S. Caetano, que excede á expectativa, pois ali conta o S. O. V. com algumas centenas de operarios organizados sob as mesmas bases.

União dos Canteiros e Glassos anexas de S. Paulo

A União dos Canteiros de S. Paulo faz sentir a todos os camaradas trabalhadores em pedras e marmores, lustradores e ferreiros pertencentes á classe, a grande necessidade de se reorganizarem para fazer sentir as suas necessidades aos industriais que gozam e nada produzem.

Camaradas: Unidos, muito valem como já fizestes em tempos de grande opressão. Hoje que temos alguma liberdade, que é que esperais? Continuais desbandados para dar margem aos vossos exploradores? Portanto acorrei ao nosso Sindicato que a união faz a força.

União dos Operarios em Fabricas de Botões, Pentas e Similares

Este sindicato comunica aos seus associados que se encontra na sua sede social, á Rua Quintino Bocaiuva 80, um comité pró-férias, podendo tratar desse assunto com conhecimento da causa, assim como também podem os nossos sócios apresentar-se a qualquer hora, diariamente.

Avante!

Munições para a "A Plebe"

LISTA N. 4 (a cargo do camarada Eleuterio) - Claudio, 50; Cortes, 50; anonimo, 50; um socialista, 10; Garcia, 10; Matos, 30; anonimo, 500; Ramos, 10; Costa, 10; Oliveira, 50; Eduardo, 1; Matheus, 10; Lopes, 10; Manoel, 20; um qualquer, 10; Vieira, 10; Alves, 10; Capito, 10; Joaquim, 20; Gomes, 20. Total: 395500.

LISTA N. 5 (a cargo de J. Gomes) - M. S., 10; Navarro, 10; Sanchez, 10; Patricio, 50; Hernandez, 10; Herrera, 10; Peregrina, 10; Francisco M., 10; Lopes, 500; Frota, 10; Felipe M., 10; Dandoto, 500; J. A., 10; Mario, 10; David, 500; Domingos, 10; Tesser, 20; José, 20; J. Sanchez, 10; J. Gomes, 1000; Rubião, 500. Total: 215500.

LISTA N. 6 (a cargo do camarada Virgilio) - Virgilio, 10; Demetrio, 10; Ettore, 10; Raphael, 10; Paulito, 10; Salari, 10; Orlando, 10; L. P., 10; e Americo, 10. Total: 90000.

LISTA N. 15 (a cargo do camarada Manzanoff) - Victorino, 30; Salvador, 20; Naves, 10; Alfredo, 20; Americo, 10; Faro, 10; Mario, 20; Luiz, 10; Antonio, 20; Sorrentino, 20; Francisco, 20; Augusto, 10; Gomes, 20; Luiz, 20; Pasheco, 20; Garcia, 20; Fernandes, 20; Rodrigues, 20; Nunes, 10; Plota, 10; Miguel, 20; Hugo, 20; Gaspari, 10; Macias, 20; Soto, 10; Francisco, 20. Total: 440000.

LISTA N. 3 - a cargo do camarada Umberto: - Umberto, 50; Silva, 20; Miguel, 10; Michael, 20; Joaquim, 10; Nunes, 10; Alfredo, 10; Funari, 10; Angelo, 10; Lourenço, 30; Parras, 10; Bueno, 10; Catão, 50; José, 10; Liberto, 10; Eugenio, 10; Pascoal, 30; Marinelli, 20; Vairo, 20; Ramires, 20; Alonso, 20; Ruiz, 10; Mazzetti, 20; Santiago, 10; Crescentino, 10; Fernandes, 20; Angelo, 10; Joaquim, 10; Navarro, 10; Gonçalves, 10; Obo, 10; Mattos, 10; Santos, 20; Armando, 10; Anibal, 20; Luiz ou Rosal, 10; Total: 583500.

LISTA N. 1 - a cargo do camarada E. Martins: - João, E. M., Rueda, De Simone, Benedito, Vicente, Orchides, Gonzales, José, Mattos, Gonzaga, Domini, Moschella, Rosario, Abel, Lopes, Castilho, Raspa, Loreti, Marques, Montosa, Luiz, Domini, Domingos, Leles, Mano, Rodrigues, J. Cataldo, J. Rodrigues, Pardini e José Mota, 15000 cada um, Total: 345000.

LISTA N. 17 - a cargo de C. Farina: - N. N., 30; Salvador, 50; C. Farina, 20; e Fernando, 20; Total: 120000.

LISTA N. 31 - a cargo do companheiro P. Lopes: - Lopes, Luiz, Alonso, Angelo, Frederico, Antonio, Carlos, e Maria, 15000 cada; Remo, 20; Manoel, 30; e Gonçalo, 20; A. L., 50; e Mesina 5000; Total: 165100.

LISTA N. 35 - a cargo de R. Felipe: - Vicente, 50; Parra, 10; Anonimo, 10; Pina, 50; Saigueiro, 100; Eugenio, 50; Ricci, 20; sobra de passagem, 15000; P. Fraia, 100; e Angelo Uscir, 200; Spineda, Cambuby, 200; A. Lape, 20; J. Rodrigues, 50; R. G., 50; Sula, 20; A. J. V., 100; Cordon, 100; e Pepp, 100; Total: 1255400.

LISTA N. 23 - a cargo de J. L.: - J. L., 50; F. M., 50; Olindo, 50; Jordano, 40; Carmelo, 100; J. B. B., 50; M. C., 50; A. C., 50; e um qualquer, 10; Total: 455000.

LISTA N. 37 - a cargo de A. Soares: - varios num Total de 105200.

PACOTEIROS - E. Martins, 40; Chiquinho, 40; Eleuterio, 30; Oil, 20; Pirozelli, 10; Fraia, 20; Cianci, 2000; Victoria, 20; C. Civil, 100; Fermino, 20; Aroca, 20; Manoel, 30; Tamborelli, 20; Total: 455000.

PACOTEIROS N. 2 - Campana, 20; Papero, 20; Zaghini, 20; U. O. Metalurgicos, 60; Rodrigues, 20; Manoel, 110; Chiquinho, 80; Tamborelli, 20; Marino, 40; Chaves, 50; Pasqual, 20; P. P., 10; Aroca, 20; C. Civil, 100; Total: 665000.

Nosso Balancete

ENTRADAS

LISTAS: - n. 1, 345; n. 2, 115; n. 3, 38500; n. 4, 39500; n. 18, 445; n. 17, 125; n. 31, 165100; n. 23, 455; n. 37, 105200; e n. 35, 105500; Total: 4965700

Venda avulsa nas associações, comícios e assembleias do 1.º numero 1305500

Pacoteiros, 1.º n. 455000

Subscrição de Baurú 245000

Pacoteiros, 2.º n. 625000

Venda avulsa n. 2 1155600

Total: 8095200

DESPEZAS

Fatura de 1000 circulares 255000

listas subs. 255000

3000 boletins 365000

Tipografia 5000 exemplares de A Plebe n. 1 4605000

Idem n. 2 4605000

Selos para expedição de circulares, jornais e correspondencia 615000

Aluguel da Sede 805000

Compilação dos 2 numeros 1005000

Total: 12475000

CONFRONTO

Despesas 12475000

Entradas 8095200

Deficit 4455800

NOTA: - Este balancete foi encerrado no dia 29 ultimo, á noite.

Chamamos a especial atenção de todos os amigos, de todos os camaradas e simpatizantes do jornal para o enorme deficit em que ficamos com a publicação dos primeiros dois numeros do jornal.

Com o custo da presente edição ultrapassam de um conto de reis os nossos encargos.

Sem o auxilio imediato de todos, seremos obrigados a espaçar a publicação do jornal. Que todos os pacoteiros, assinantes e aqueles que estejam em debito, procurem liquidar o mais rapidamente possível, assim como todos que nos queiram e possam auxiliar não deverão esperar para mais tarde.

Os bons exemplos... seguem-se

A arrogancia, y altanaria e o orgulho desmedido que a gente contra-revolucionaria panlista está mantendo em face dos acontecimentos, após a derrota pelas armas da investida desvairada e fratricida daqueles trágicos e sangrentos tres mezes de ira, de abominio e loucura, devem ser tomados pelos trabalhadores e por todos os revolucionarios sinceros como a mais illustrada lição de cousas que é possível imaginar.

Essas gentes desenhacaram uma tormenta de fogo e ferro, ferindo no coração todo o Brasil em seus interesses moraes, economicos, fisicos e afetivos.

Após 80 dias de luta, sofrimento e vicissitudes indiziveis de toda a população, foram obrigados a render-se, a entregar as armas, a dar passagem aos vencedores.

Estes por sua vez mostram-se trataveis, generosos, tolerantes e procuram, quanto podem, atenuar os prejuizos, acudir aos aflitos, sanar as dificuldades, derimir as contendas por modos brandos, justos, humanos.

Esforço vão, tentativa inutil, empreza sem resultado. As gentes reacionarias continuam impavidas na sua obstinação, impenetraveis ao ambiente de cordialidade e de cooperacão que lhes oferecem gentilmente, cativamente. Continuam cegas para os fatos e surdas para as palavras. Teimam nos seus propósitos de hostilidade e de obstrucão a tudo que não é feito por elas, conspirando continuamente e proclamando, a todos que queiram ouvir, que perderam a desenhacada de Julho, mas que vencerão a proxima a estourar.

Não dão o braço a torcer nem por nada. Mais parecem vencedoras do que vencidas. Fazem a parte daquelas crianças mimadas que quebram toda a louca da mesa e a seguir armam um berreiro medonho, fazem um estardalhaço desolante, obrigando os pais a, em vez de as castigar ou repreender, ter que perdoo-las e justificá-las da terrivel e prejudicial traquinada.

Pois que os trabalhadores se revejam neste espelho, que se mirem neste exemplo, que se retemperem nesta attitude.

Tão bom como tão bom. Convencidos da justiça que lhes assiste não tem que desanimar ante qualquer empecilho que se lhes depare. A ordem é marchar para a frente e não olhar para traz. Nem se exaltarem com a victoria nem se deprimirem com a derrota. Fazer face aos temporaes de cara risonha e de coração tranquillo como atletas que são da batalha social, do esporte economic e moral do proletariado. A luta pelas melhorias sociais é como no futebol: hoje se ganha amanhã se perde. Nunca esmorecer, desanimar, desértar. Pelo contrario luta acesa, continua, constante, permanente, ininterrupta pela palavra, pelo exemplo, pelo jornal, pela brochura, por todos os meios ao seu alcance contra todos que nos oprime, vexam e exploram. São os nossos inimigos que nos dão o exemplo.

É preciso, antes de mais nada, abolir o policial, porque, somente quando é excluida a possibilidade da violencia é que os homens chegam a se harmonizar com o minimo de justiça e o maximo de satisfacão possível para cada um.

ERRICO MALATESTA

Reticencia á parte, com a maldade, pode-se conseguir chegar até o governo, pode-se substituir pela sua propria dominação a de um outro, mas não é desse modo que se libertará a plebe, nem será dessa maneira que se ha de fundar a cidade da harmonia e da amor.

ERRICO MALATESTA